

O NERVOSISMO MARROQUINO FACE À AMBIGUIDADE NORTE-AMERICANA

No rescaldo da administração cessante, face à cautela para não dar passos em falso no dossier Marrocos-Sahara Ocidental, urge que o presidente Joe Biden ultrapasse o **clima de pré-caos** deixado na agenda politico-diplomática por parte de Trump.

Em diplomacia, “meias-medidas” desagradam a muitos e esta situação aplica-se certamente à recusa da administração Biden em assumir uma **posição clara** sobre a soberania marroquina no Sahara Ocidental.

Em Dezembro passado, o ex-presidente Trump anunciou o fim de meio século de oposição norte-americana ao reconhecimento da reivindicação de Rabat sobre o território saharauí. O anúncio, no entanto, foi recebido com cautela por parte de Marrocos, uma vez que havia incerteza sobre a posição do próximo ocupante da Casa Branca face a este assunto diplomático candente. Até agora Biden tem recusado tomar uma decisão, não endossando a prévia nem a contrariando. Na verdade, a empurrar com a “barriga para a frente” a sua decisão.



Fig. 1: Da dificuldade de voltar atrás

Se por um lado Marrocos se encontra aliviado pelo facto da controversa decisão da administração Trump não ter sido revogada, por outro inquieta-se com declarações do Secretário de Estado Antony Blinken, nomeadamente a de 27 de Janeiro último, através das quais o governo norte-americano não se comprometeu em definitivo com a “moeda de troca do Sahara”, face ao restabelecimento de relações diplomáticas entre Marrocos e Israel. Após a **conversação bilateral** ocorrida no início de Maio, entre o referido Secretário de Estado e o Ministro dos Negócios Estrangeiros marroquino, Nasser Bourita, mantém-se este *status quo*.

Estas declarações têm sido acompanhadas, aparentemente, por manifestações e actos contraditórios. Por um lado, o relatório anual de direitos humanos do Departamento de Estado, de Março último, não considerava o Sahara Ocidental num capítulo separado, como era usual, mas colocava-o como parte do capítulo dedicado a Marrocos, com os mapas a mostrarem o território como parte de um “grande Marrocos”. Por outro, em Abril passado, Blinken instou as Nações Unidas a nomear um novo Enviado Pessoal do Secretário-geral para o Sahara Ocidental e pediu o retomar das negociações entre o governo marroquino e a Frente POLISARIO, sugerindo assim que considera o assunto não resolvido e sob a alçada da ONU.

Igualmente em sentido contrário aos esforços e às declarações do governo de Rabat (ou ausência

delas...), no passado dia 1 de Maio Washington confirmou o clima que paira no Sahara Ocidental como “de guerra” e afirmou estar a realizar contactos com as partes em conflito, a fim de ultrapassar o impasse existente.

Nesta teia de declarações e actos aparentemente contraditórios, Marrocos tem procurado pressionar os EUA e confundir a opinião pública anunciando como efectivas situações que são a seguir desmentidas. Aconteceu por mais de uma vez com o suposto endosso por parte da administração Biden da decisão de Trump, que o Departamento de Estado teve de lembrar que não correspondia à verdade, visto que o assunto se mantinha em estudo. Voltou a suceder a propósito dos exercícios militares conjuntos do Comando dos Estados Unidos para África (AFRICOM) e de Marrocos, Tunísia e Senegal (denominados “Leão Africano 2021”), que decorrerão de 7 a 18 de Junho, envolvendo mais de 5.000 militares de nove nações: o próprio Primeiro-ministro marroquino insistiu até ser **claramente desmentido** de que se desenrolariam em parte no território do Sahara Ocidental.

Subsequente a este processo, é improvável que Rabat aceite a “normalização completa” de relações diplomáticas com Israel até obter confirmação da não reversão da posição de Trump por parte de Washington. A ambivalência que se vive na política externa norte-americana não encoraja igualmente esta consolidação: por um lado, a maioria dos representantes democratas apoia a aproximação diplomática entre Israel e Marrocos e, por outro, o presidente Biden defende um retorno à “ordem internacional baseada em regras” que a administração Trump abandonou.

É neste contexto que se torna significativo o facto de em Fevereiro passado 27 senadores americanos (democratas e republicanos) terem instado o presidente Biden a reverter a decisão de Trump de Dezembro de 2020. Numa missiva liderada pelo republicano Jim Inhofe e pelo democrata Patrick Leahy, esses representantes qualificaram a reivindicação de Marrocos face ao Sahara Ocidental de “ilegítima”, afirmando que a mesma minou décadas de «política americana coerente e que deteriorou o relacionamento com um número significativo de nações africanas».

Também no seio do *lobby* pró-israelita americano, bem como em Israel, este desenrolar é atentamente seguido face à expectativa deste último em reforçar o diálogo com o Estado do Norte de África. Fontes israelitas receiam que a reversão da decisão de Trump leve Marrocos a abster-se de os fortalecer.